

OPINIÃO

17 MAI 1995

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES; e, VII e 14

Diretor Presidente

Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação

Ricardo Noblat

Editor Executivo

José Negreiros

Diretor Vice-Presidente

Ari Cunha

Diretor Comercial

Maurício Dinepi

Diretor de Marketing

Márcio Cotrim

Diretor Gerente

Evaristo de Oliveira

Diretor Industrial

Osvaldo Abílio Braga

Diretor de Planejamento

João Augusto Cabral

DF - Cidade

Estrutural

Crime social

A profanação do feitio urbanístico de Brasília tornou-se, ao longo dos anos, prática corrente entre os seus governantes. A Cidade Estrutural, cuja criação foi ontem aprovada em primeira votação, pela Câmara Legislativa, é mais uma agressão à cidade e a seus habitantes.

Felizmente, há tempo de reverter tal absurdo. Criada para abrigar a República e suas instituições, Brasília deveria ser poupada de reproduzir os erros urbanísticos da cidade que a precedeu na função — o Rio de Janeiro. O traçado de Nimeyer e Lúcio Costa produziu uma cidade funcional e agradável. A demagogia e leviandade de alguns políticos ameaça esse equilíbrio.

A proliferação de cidades-satélites gera demandas sociais fora do alcance da economia da capital. Estão aí os exemplos das cidades-satélites criadas na administração anterior, para atender a demandas políticas, e até hoje inconclusas em sua infra-estrutura. Em vez de concluir essas cidades e procurar ocupar toda a mão-de-obra não-especializada que para ela afluiu, vinda de todo o país, os políticos de Brasília optam por reincidir no erro.

Enquanto o Rio de Janeiro levou três séculos de erros para produzir um quisto social como a Baixada Fluminense, Brasília resolveu queimar etapas e produzir sua Baixada em tempo recorde. Em três décadas, proliferaram cidades-satélites sem estrutura, aumentando o êxodo desordenado e gerando transtornos so-

ciais pesados para a população da capital.

Como cumprir a missão de cidade administrativa, sede dos Poderes e hospedeira do Corpo Diplomático internacional, gerando problemas sociais de tais proporções. Os políticos brasilienses precisam se convencer de que a economia da cidade é frágil e não suporta tamanho aumento em suas estruturas de serviços. A cada cidade-satélite criada — sobretudo nas condições artificiais e impróprias da Cidade Estrutural —, tem-se novo foco de êxodo e tragédias sociais.

A área destinada à Cidade Estrutural, hoje ocupada por 500 famílias do Lixão e por outras 1 mil e 500 que moram na extensão da região, é absolutamente imprópria. Situa-se na confluência de áreas já de si congestionadas: às margens da rodovia Estrutural, cujo volume de tráfego a torna uma das mais perigosas da capital. A construção da nova cidade — que inicialmente seria apenas mais um assentamento de famílias, mas que agora prevê também loteamento para comércio e indústria — gerará transtornos sobretudo para seus moradores. Eles é que terão que lidar com condições subumanas de vida, expondo-se a riscos e contribuindo para engrossar as fileiras de desempregados e pedintes nas ruas do Distrito Federal. A Câmara Legislativa precisa repensar seriamente essa decisão, em nome do bom senso. Brasília não merece isso.